



VOZ DA FATIMA

[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Composto e impresso na *União Grafica*, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: *Seminário de Leiria*.

CRONICA da FÁTIMA

(13 DE JANEIRO)

Quasi dois lustros são passados depois que a Santíssima Virgem, Augusta Padroeira de Portugal, se dignou aparecer numa radiosa visão de beleza divina, a três humildes e inocentes creanças na esteril charneca do planalto de Fátima, onde apenas de longe em longe rasteja a urze e se ergue tímida e enfezada a azinheira brava.

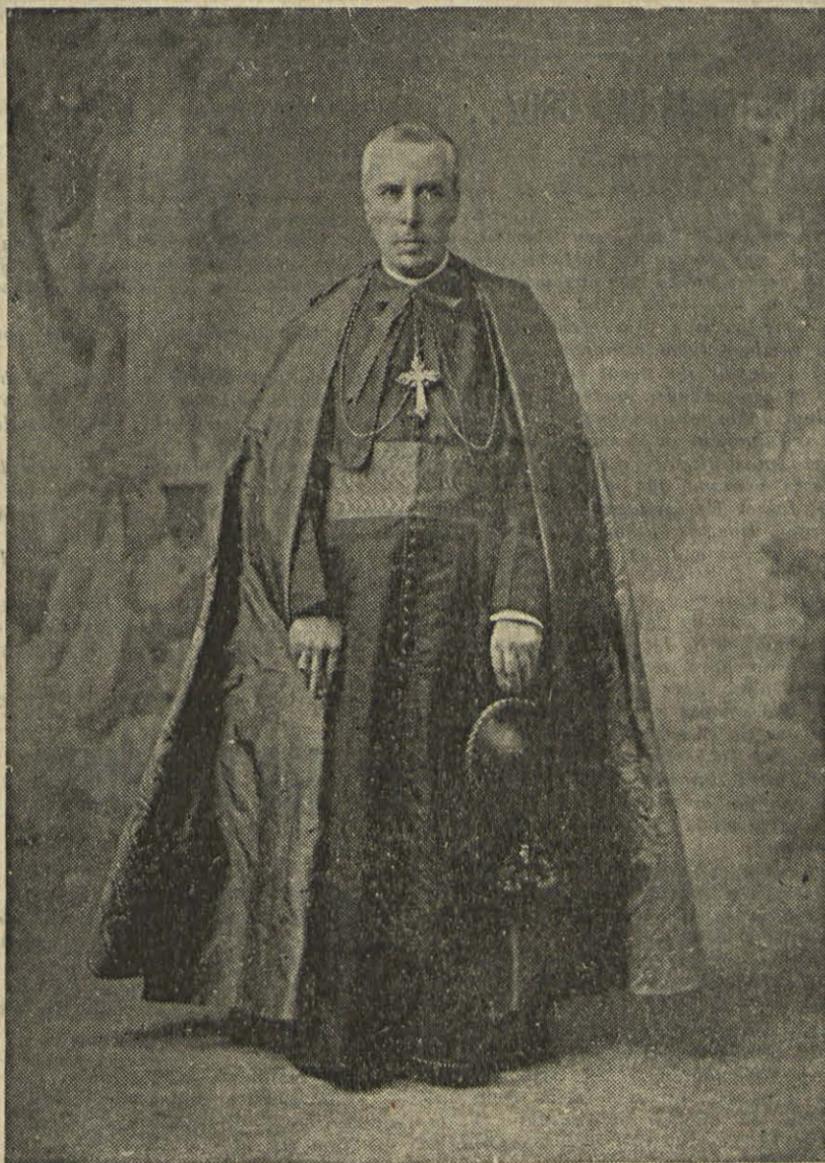
Neste longo periodo já decorrido, as graças e bênçãos do Céu choveram copiosíssimas sobre as almas fervorosas dos crentes que de todos os pontos do paiz acorreram em piedosa romagem aos pés de Maria no santuario da sua predilecção ou que, voltando o pensamento para esse local bendito, elevaram mãos suplicantes e sentidas preces até ao Coração maternal da Virgem.

Numerosas curas de toda a especie de doenças e enfermidades, muitas delas confirmadas com o testemunho irrecusavel de clinicos abalissados e de todo o ponto insuspeitos, atestam claramente a misericordia incomparavel da Mãe de Deus e a verdadeira omnipotencia de que Ela gosa junto do seu Divino Filho.

Contudo a esses prodigios de bondade, aos milagres de amor, a essas curas de cegos, tuberculosos, paraliticos, cancerosos e de tantas outras vítimas das mil misérias físicas que afligem e torturam os corpos humanos, sobrelevam as assombrosas curas morais, as conversões de milhares de almas que, depois de uma existência passada na escravidão do pecado e no delirio das paixões, se voltam para Deus como o filho prodigo e, prostrando-se aos pés do seu ministro para confessarem as suas culpas e alcançarem o perdão desejado, se levantam para a reabilitação pelo arrependimento e para a expiação por uma vida morigerada e exemplar no cumprimento dos deveres e na pratica das virtudes cristãs.

Fátima, lá está, como um padrão imorredouro de ternura infinita de Maria pelos filhos de Portugal, como um polo magnetico espiritual, attraíndo irresistivelmente milhões de

peregrinos em assombrosas e renovadas manifestações de fé e piedade, hypnotisando sobrenaturalmente as



Eminentíssimo Cardeal Patriarca de Lisboa

almas, fascinando e captivando docemente os corações.

A 13 de janeiro, na Cova da Iria, realizaram-se na forma do costume

as comemorações religiosas dos sucesos maravilhosos de Fátima.

Os fiéis, apesar do frio e da chuva, acorreram nêsse dia aos pés da Virgem do Rosário mais numerosos do que em igual dia do mês anterior. Os enfermos não ocupavam literalmente o recinto que lhes é reservado. Não se via nenhum grande doente. Os servitas de Torres Novas e de Leiria, desempenhavam com o zelo e espirito de sacrificio que os distingue, as multiplas e variadas funções do seu ministerio.

Desde a madrugada celebraram-se missas nos altares da capela nova, comungando muitas centenas de fiéis

e devoção dos romeiros, vindos, muitos dêles, de longinquas terras, sofrendo resignadamente as fadigas da viagem e a inclemência do tempo. Junto do venerando sanctuario de Maria, rezando e cantando, êles revigoram as energias da alma e o proprio corpo parece recobrar alento para a Virgem do regresso.

Depois da bênção com o Santíssimo Sacramento, primeiro aos doentes e em seguida a todo o povo, subiu ao pulpito o Rev.º Pereira Gens, pároco de Ourem, que falou longamente sobre a devoção a Nossa Senhora e a pratica das virtudes cristãs.

Uma hora mais tarde na solidão da imensa charneca, reinava um silencio profundo, apenas interrompido pelo brando ciciar de uma prece ou pelo echo longinquo de um cantico piedoso entoado por algum peregrino retardatario.

Visconde de Montello.

HOMENAGEM
da "VOZ DA FÁTIMA"
a Sua Emin.ª Rev.ª
o Sr. D. António Mendes Belo
Cardial Patriarca de Lisboa

O nosso querido e venerando Senhor Patriarca de Lisboa está intimamente associado ao Santuario de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

A Fátima, antes da restauração da Diocese de Leiria em 1918, pertencia á jurisdição de Sua Eminencia, sendo no tempo do sabio governo do Senhor Patriarca que nos dias 13 de maio a outubro de 1917 se deram os acontecimentos que emocionaram Portugal inteiro originando o movimento religioso a este lugar bendito que desde então tem aumentado de ano para ano.

Abrigo dos doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	4.830\$00
D. Maria Basto de Vasconcelos	10\$00
D. Leopoldina da Conceição Nunes Lobato	2\$50
	4.842\$50

O Culto de N. S.^{ra} da Fátima

Não é só em Mafra, Peniche, Eri- ceira, Santa Cruz do Douro, Lisboa, etc. que ha já ao culto a imagem de Nossa Senhora da Fátima perante a qual os fiéis expandem o amor filial que teem á Mãe do Céu. E' assim que o Missionario Catolico de dezembro relata uma festa feita em Lourenço Marques em 31 de outubro ultimo, a Jesus Cristo Rei e remate do mês do Rosário:

«Ao lado do trono que os católicos de Lourenço Marques levantavam nos seus corações ao Rei dos reis, erguido estava também o trono da Rainha dos Anjos, dos Patriarcas e dos Profetas.

Nada faltou para que fosse brilhantíssima a festa do Rei e da Rainha dos Céus e da terra. O programa era completo e foi fielmente cumprido. A igreja vestiu-se de galas.

Num pequeno altar improvisado, Nossa Senhora de Fátima, empresada por um seu devoto, a primeira que deve ter aparecido aos católicos de Moçambique, olhava, carinhosa e meiga, sorridente e bela para os seus filhos africanos, que lhe dirigiam preces pelas cadeias misteriosas dos seus terços.

Todos resavam com devoção; com devoção e com lagrimas.

Sobre Fátima, o celebrante da Missa das 7 horas falou aos fiéis que enchiam a igreja, e em cujos olhos se viam muitas lágrimas.

Na Cova da Iria também se chorava...

...Pela primeira vez se ouviu nesta igreja o hino de Nossa Senhora de Fátima. Era o Portugal de Africa que pela boca dos pretinhos de S. José cantava louvores á Virgem Santíssima de Fátima! Fátima, a Lourdes dos portugueses!...

Os lusos africanos a cantar a Padroeira dos lusitanos!... Aos pés da Virgem do Rosário de Fátima, todos os portugueses, todos os lusitanos!...

Por todos Ela desceu á Cova da Iria!...

AS CURAS DA FATIMA

P. Antonio de Castro Monta Reis, de Barbudo — Vila Verde (Minho) conta assim a cura de uma sua paroquiana:

«Em novembro passado escrevi para «A Voz da Fatima» contando-lhe por alto um favor grande que N. Senhora fez a uma minha paroquiana, na peregrinação de Outubro p. passado. Não pormenorizei, nem até hoje o pude fazer, porque tive de acompanhar o meu Ex.mo Prelado na Visita Pastoral a este arceprelado. Agora ai vai: A doente chama-se Rosa de Macedo Pereira, tem 39 anos; é solteira e Filha de Maria e natural e moradora nesta freguesia. Alma de eleição, ha muito que soffria horrorosamente de uma aortite, que a punha frequentemente ás portas da morte. Desde julho que não saia da cama onde recebia diariamente N. Senhor. Um seu parente, medico, com quem mora, pouca esperança punha já na sciencia. A doente mostrou desejos de ir em peregrinação a N. Senhora da Fatima e os seus dedicados parentes, em outubro passado, fizeram-lhe a vontade. A viagem até Coimbra foi deveras difficil: dores intensas, perda dos sentidos, etc. Uma injeção de morfina em Coimbra reanimou-a um pouco e deu-lhe coragem para fazer o resto da viagem em camionete.

N o dia 13 de outubro já passou muito

bem, movimentando-se muito e acompanhando sempre com muito fervor os diferentes actos da peregrinação. Desde então não voltou á cama, alimenta-se regularmente, trabalha e até lhe desapareceu a dor que sobre o coração sentia ha anos já.

Aqui estão os factos que V. Rev.ma pode contar na querida Voz da Fatima, querendo»

Filomena Queiroz de Lisboa (rua Ponta Delgada, 26-cavé) diz:—Estive 17 mezes quasi paralytica, não podia voltar-me no leito, nem vestir-me e impossibilitada de trabalhar, sempre com tratamento de medico; fui ao hospital com tratamento especial, sempre cocha e dores horribes nos ossos. Vivia desgostosa. Um dia pedi a nossa Senhora de Fátima que me curasse, que eu iria levar-lhe umas velas. Qual não foi o meu assombro quando uma manhã acordei e começo a voltar-me no leito. Vesti-me e comecei a trabalhar e a andar perfeitamente. As mãos que eram tortas estavam completamente boas. Senti em mim imensa alegria. Agora falta-me cumprir a promessa. Assim que vier o verão ali vou levar as velas e orar para agradecer o milagre. Muito agradeço que este pedido da publicação seja satisfeito.»

João Fernandes Martins, de Alagôa (Figueiró dos Vinhos), residente na Ilha do Principe (Roça Lundy) tendo sido atendido por N. Senhora prometeu assinar cinco anos a *Voz de Fatima* «e fazer toda a propaganda do que disser o jornal.»

Rosa de Jesus, de Torres Novas «soffria ha mais de trinta anos do estomago, consultou diferentes medicos, e não tendo nunca encontrado melhoras pediu a N. Senhora do Rosário apparecida em Fatima, se a melhorasse desse mal mandaria publicar na *Voz de Fatima*.

Juntamente á sua fé, foi tomando a agua de N. Senhora e, a pouco e pouco se encontra boa ha mais de dois anos graças a N. Senhora do Rosário.»

Cacilda das Neves Silva Simões, de S. Bernardino (Athougua da Baleia) diz em carta o seguinte: «Rogo a fineza de publicar na *Voz da Fatima* a graça que a Virgem do Rosário me concedeu em março de 1925. Sentia-me muito mal com dores na espinha e espaldas, que nem podia mover os braços. Não me podia deitar nem levantar, só com dores horribes. Apliquei varios remedios e nada dava resultado. Recorri então á Virgem Santíssima do Rosário da Fatima que me vallesse.

Como não tinha agua do logar santo, mas sim umas folhas de oliveira e carrasqueira que de lá havia trazido em março de 1924, fervei essas ditas folhas, applicaram-mas e á segunda vez, encontrava-me perfeitamente bem.

Até hoje, 5 de março de 1926, não mais me repetiram.

Sinto ás vezes qualquer mal estar devido a esse sofrimento, mas nada em comparação com o que soffri.»

Antonio Rodrigues Pepino, professor em Aveiro, em carta de ha cerca de um ano, e deixando transluzir aquele espirito faceto e scintillante de que é dotado diz:

«...Adoeci gravemente caindo na cama no dia 6 do passado mês e levantando-me ante-ontem pela primeira vez. Segundo dizem os entendidos, estive ás portas da morte e muita gentinha me resou pela alma, graças a Deus. Tive uma conferencia medica presidida pelo sabio lente Dr. Bissaia Barreto.

Tudo isto, por cima dos encargos de sustentar seis filhos... e meio, veja lá o meu amigo, que atrapalhações devem ter chovido sobre a minha casa.

Ainda assim, depois de os medicos se terem preparado para me fazerem uma melindrosa operação, que julgavam infalivel e indispensavel, nós recorremos (para alguma coisa ha de valer o ser catolico) a Deus e a N. Senhora da Fatima, com tanta gana, que o mal começo a abater como por encanto, com grande espanto dos medicos, e eu cá estou quasi são, e, segundo a opinião dos medicos, livre da operação, que, nestes tempos, alem das respectivas esfaqueadelas, custaria rios de dinheiro.

Viva, pois, N. Senhora da Fatima, onde tenho de ir com minha mulher na primeira occasião.»

Maria José da Silva Reis, de Encarnação (Maíra) diz que sua cunhada Maria José Gomes depois de uma pneumonia em 1924 ficou mais de um ano com uma grande tosse que a nada cedia. Indo ca-

da vez a peor e receiando-se uma tuberculose lembrou-se aquella de recorrer a N. Senhora da Fatima levando 15 creanças á Comunhão no dia 13 de maio em honra do Santo Rosário.

Depois da missa houve Benção do Santissimo e pediu-se pela mesma intenção. No mesmo dia mandei agua de N. Senhora e saber da doente que estava ha dias de cama. Mandaram dizer que a tosse tinha desaparecido mas estava fraca.

Em pouco se restabeleceu e trabalha como dantes.

Maria Manuela de Vasconcelos, de Celorico de Basto, conta que sua cunhada esteve á morte com febre puerperal, não tendo o medico grandes esperanças de a salvar e que se escapasse a febre não passaria em poucos dias.

Estava muito mal, com os piores sintomas.

Chamando a toda a pressa uma sua irmã, que se preveniu levando agua da Fatima, deu-a a beber á doente e dum dia para o outro passou a febre e com ela todo o perigo, pois estava curada.

M. S. P. informa que «havia muito tempo que se pedia a conversão duma pessoa que havia 42 anos se não confessava.

Ultimamente pediu-se a Nossa Senhora da Fatima e pouco tempo depois se operou tão grande milagre que attribue a Nossa Senhora do Rosário de Fatima.

Prometeu publicar esta graça na *Voz da Fatima*.

Laura Amado, de Vila Nova de Gaia (Av. da Republica, 640) em carta de março ultimo, diz que estando Eduardo da Silva Amado, de Paredes da Beira desenganado dos medicos com uma lesão recorreu a N. Senhora da Fatima achando-se curado naquela data.

Antonio Monteiro Balcão, de Vilar Formoso agradece a N. Senhora o tê-lo livrado de uns ataques de que soffria havia mais de vinte anos sendo raro passar um mês sem lhe darem.

Em Janeiro de 1924 comprou um livrinho relatando os acontecimentos de Fátima e com tal fé recorreu a Nossa Senhora no dia mesmo em que lhe tinha dado um ataque que não voltaram a repetir-se.

Joaquina Moreira Nunes, do Borralhal, freguesia de Nespereira (Douro) «andava muito doente, muito inchada do estomago, nada podia comer fazendo-lhe tudo mal e nem já andar podia. Foi a Fatima em 13 de agosto de 1925 e ao chegar lá sentiu-se curada.

Mario Domingos Lopes, mecanico, de Ovar estando empregado em uma officina de S. João da Madeira, rebentou um dia a correia do motor ficando ele enleado sem se poder tirar assim como o não puderam tirar os outros empregados que acorreram logo.

Quando foi possivel lá veio em uma zorra pensando todos que estava morto. Saiu, com tudo que tinha nos bolsos, quebrado, relógio e corrente; a roupa rasgada.

Quando o levantaram caiu a seus pés a medalha de Nossa Senhora de Fatima que tinha pregada com um alfinete na parte interior da camisola.

Todos attribuiram a uma especial protecção de N. Senhora o ter ficado incolume.

Luzanira Augusta de Matos, de Ovar, residente em S. João do Estoril, tendo quebrado a rotula de um joelho e tendo dois medicos dito que, apesar da sua idade de 60 anos, tinha de fazer a operação se quizesse voltar a andar, recusou sujeitar-se á operação e sem esta nem medicamentos começou a andar.

M. I. M., Filha de Maria, de Pedrouços «com o coração cheio de gratidão e reconhecimento agradece a N. Senhora do Rosário da Fatima uma graça recebida que prometeu publicar no querido jornalzinho, para honra e gloria da Querida Mãesinha do Céu.»

Manual do Peregrino da Fátima

Vende-se na redacção da *Voz da Fátima* — Seminário de Leiria.

Preço — 3\$50, fóra o porte do correio. Desconto aos revendedores.

Preço excepcionalissimo a quem pagar de pronto o minimo de cem exemplares.

FATIMA

Como se descreve o milagre Futura Lourdes Portuguesa

Com este titulo e subtitulos publicou o jornal de Noticias, do Porto, de 29 de outubro ultimo, o seguinte interessante artigo, que os nossos leitores terão o prazer de conhecer:

«Em 13 de Maio de 1917 tres criancas que apascentavam ovelhas pela região vieram dizer, primeiro aos paes e outros parentes, depois a estranhos, que na Cova da Iria, em cima de uma azinheira, apparecera de subito, Nossa Senhora—uma senhora muito linda, toda vestida de branco.

E acrescentavam que essa senhora fallara a uma delas, de nome Lucia, dizendo-lhe que viessem áquele mesmo logar no dia 13 de cada mez, e lá a encontrariam; e que o dia 13 de Outubro seria o ultimo, em que viria a este logar.

Esta estranha noticia rapidamente se espalhou, e, na sua carreira veloz, encontrou de tudo: a crença cega, que aceitou o facto sem analise; a duvida, da parte daqueles que só gostam de acreditar naquilo que veem; o riso sarcástico, que, onde quer que se encontrasse, procurava desfazer, a golpes de ironia a lenda que tomara vulto, e a indiferença de muitos que entendiam que o caso nem sequer merecia ser discutido.

A verdade, porém, é que quando o primeiro dia 13, apoz a pretensa aparição, surgiu, já os pequeninos pastores foram seguidos, na sua ida á azinheira, por alguns crentes que ficaram a distancia, só dela se aproximando as três creanças.

E no dia 13 dos meses que se seguiram esses crentes foram successivamente aumentando, e já formavam grandes ajuntamentos.

Só á pequena Lucia foi dado observar a maravilhosa visião, que, não obstante, toda aquela gente, já accorrida de pontos os mais diversos, tinha como certa.

Ora foi este o estado em que se encontravam os espiritos, preocupados com as aparições, ao ser anunciado por aquella das três creanças que gosava do privilegio de ver e ouvir falar a Senhora, que no proximo dia 13 de Outubro, a hora que precisou, um sinal havia de apparecer, «para que todos acreditassem».

Temos portanto, até certa altura:

Primeiro — Três creanças, oscilando as suas idades entre 6 e 10 anos, que afirmam que no dia 13 de cada mez aparece Nossa Senhora em cima de uma azinheira, donde fala a uma delas.

Segundo — a crença que começa a radicalizar-se nestas aparições.

Terceiro — o anuncio feito com muitos dias de antecedencia, pelas mesmas criancas, de que alguma coisa de extraordinario ia passar-se.

Agora os factos — reais, absolutos, testemunhados, incontestaveis.

No dia 13 de Outubro de 1917 a estrada que atravessa a região, onde fica situada a Cova da Iria, movimentou-se como nunca aconteceu.

A Cova da Iria era, e ainda hoje, em parte, o é, um sitio agreste, pedregoso, desnivelado, sem cultura, porque a qualidade do terreno a não permite, e onde a vegetação se resume a azinheiras e algumas plantas rasteiras.

Logar de desolação e de tristeza, parecia bem uma afilhada para quem a Natureza se mostrou uma madrastra inclemente.

Nem uma casa por ali a atestar a existencia dos homens.

Mas naquele dia inesquecivel não faltou vida no ermo. Transportes de todos os sistemas ali foram encontrar-se, conduzindo gente de todas as condições chegadas de variadissimas e longes origens. Convergiram áquele sitio, ainda havia poucos meses totalmente ignorado, muitos milhares de pessoas, atraídas pela estranha predicção dos humildes pastores.

Pelos caminhos sertanejos, e ainda pela mesma estrada, magotes de povo das aldeias seguiam a pé, na direcção do local celebrizado.

E naquele logar silencioso e esquecido, inospito e sem beleza, uma multidão compacta, formidavel pelo numero e grandiosa pela fé, juntou-se, olhou os céus e esperou o «sinal».

Na época em que estes acontecimentos singulares começaram a produzir-se encontrava-me eu exercendo funções officiais numa cidade norte-americana. Regressado ao paiz, dirigi-me, poucas semanas depois, á Italia, onde tive occasião de admirar algumas das maravilhas que também a fé dos povos ali fez erger.

E, quando voltei, o 13 de Outubro havia já passado. Não fui, portanto, testemunha presencial dos factos. Mas estes foram-me descritos, pouco depois, por uma senhora da minha familia, que na impossibilidade absoluta de encontrar meio de transporte, se animou a percorrer a pé, com algumas companheiras, as 4 leguas que separam Leiria do local das aparições, a fim de verificar, de «visu», o que ia passar-se.

E' essa narração, que ha poucos dias eu ouvi de novo, que vae reproduzida fielmente.

Pelas 10 horas da manhã daquele dia memoravel uma chuva torrencial caiu na Cova da Iria, acompanhada de forte ventania.

Os guarda-chuvas já não conseguiram resguardar ninguem desta furia dos elementos, mas pessoa alguma arredava do local.

As bategas de agua, de certo momento em deante, foram afrouxando, e ás nuvens negras e tempestuosas sucederam-se outras mais leves e cheias de brancura.

O sol, por sua vez, começou a descortinar-se, e, pouco depois, toda a gente notou que umas pequenas nuvens, de uma linda cor rosada, se destacavam das outras, vinham passar debaixo do sol e desapareciam; isto repetidas vezes.

As horas foram passando, a chuva cessára, e o céu tornara-se limpo de nuvens.

E aquella grande massa humana, cheia de religiosidade, mas entre a qual se encontravam muitos curiosos, jornalistas no cumprimento do seu dever profissional, e descrentes, conservou-se imóvel, esperando alguma coisa mais.

Havia-se anunciado que o «sinal» se produziria ás duas horas da tarde.

A esta hora exactissima, o disco solar perdeu o seu brilho, tornando-se negro; uma fita cor de fogo começou girando alternadamente, num e noutro sentido, em volta do sol.

E, contornando este, em toda a sua circumferencia, um enorme esplendor, igualmente cor de fogo, cheio de magestade, e de grandes dimensões, appareceu á vista daqueles tantissimos milhares de observadores.

Em seguida, com todo este aparato, o sol deslocou-se da sua orbita, avançando para a terra e assumindo gradualmente maiores proporções.

Este fenomeno, não previsto por qualquer observatorio astronomico, produziu-se três vezes a um pequeno intervalo de tempo.

E quando o sol retomou definitivamente o seu aspecto normal, toda aquella multidão, postos os joelhos em terra, implorava a protecção da Virgem e gritava:

— Milagre! Milagre!

Eu fui a Fatima agora, pela primeira vez, e vim de lá maravilhado com aquella grande manifestação de fé catolica.

Se tu, caro leitor, desejas contemplar alguma coisa de impressionante no dominio da crença, vai a Fatima.

Não é uma funcanata que vais ver, como aquelas que tu e eu conhecemos, cheias de uma alegria bulhosa de vinho verde e de folgedos. Não encontras em Fatima os descantes populares, os Zés Preiras, os foguetes de dinamite, nem os bailaricos, nem as afamadas filarmónicas, que dão vida e animação ás lindas romarias minhotas.

Mas encontrarás a fé religiosa, sentida e vivida na sua pureza, sem qualquer mistura pagã, e ouvirás lindos canticos á Virgem, os quais a alma do povo soube criar.

Já lá vão nove anos decorridos depois que aconteceram os fenomenos solares, que ficam descriptos com absoluta verdade.

E quem agora visita a Cova da Iria pode verificar um outro «milagre»: pela orla da estrada, e nas proximidades do chão sagrado, levantam-se as primeiras edificações de uma futura cidade.

Naquele recanto da terra, onde o homem

não havia construido uma choupana, já se veem, de pé e cobertas, umas, outras ainda nos alicerces, muitas casas. Uma há que dá comodo e fornece refeições; mais adiante, o local já marcado para a «Grande Hospedaria de Fatima».

As obras religiosas não afrouxam. Foi cercado o local numa superficie de muitos hectares, e a entrada, com o seu arco já levantado, faz prever a magnificencia da basilica projectada e de tudo o que com ela se relaciona.

Dinheiro não falta, porque são abundantissimas as colheitas de esmolas que entregam as centenas de milhares de fiéis, idos ali em romagem em 13 de cada mez, e especialmente em maio e outubro.

«Fatima» é já hoje indestrutivel. A semelhança de sua irmã mais velha — Lourdes — que ha dezenas de anos lança, do alto da sua catedral, o desafio ao positivismo ateu, Fatima começa a levantar-se gloriosa, enfrentando com segurança o odio e a descrença.

Eduardo Teixeira

VOZ DA FATIMA

Despezas

Transporte...	57.667\$10
Papel, composição e impressões do n.º 52...	1.748\$00
Expedição, porte do correio etc. etc.	423\$65
Outras despesas (gravuras, etc) ...	356\$80
Soma...	60.195\$55

Subscrição

(Abril de 1926)

Contribuíram com dez escudos para as despesas do jornal, Antonio Baptista, P.e Justino Francisco Macieira, D. Maria Albina Almada Burguete, D. Maria Augusta Santiago, Bazilio Valerio dos Santos, D. Maria do Carmo Pinto, D. Cecilia Baptista, D. Gertrudes Rosa Penaforte, D. Lazarina Augusta de Matos, D. Belmira Maria Mendonça, D. Maria do Rosario Machado Cruz, Domingas Valente, D. Rosalina da Gloria D. Maria Augusta Rodrigues, D. Helena Simões Neves, D. Helena Soledade Machado, D. Maria Fernandes de Almeida, Amílcar de Almeida Marques, Artur da Silva Vasconcelos, Henrique da Costa Machado, Arnaldo Vieira da Cunha, D. Maria Luna Pery de Linde Peixoto, Coronel Luiz da Silva Gomes D. Conceição Queiroz, P.e Candido Maia D. Elvira Marques Vieira, Esperança Rito, D. Maria Angelina Alves Ferreira, D. Maria Tomázia Pinto Antunes, D. Joaquina da Conceição Ribeiro, D. Eufemia de Sousa Soares, Luiz Carreira Vaz, D. Judith Rodrigues da Silva Castro, D. Ester Pestana Marques, D. Albina de Jesus dos Santos, D. Maria Euzébio Caleiras, D. Ana da Conceição Azevedo, D. Maria Paula Franco Cardoso, D. Emilia Plácida, D. Maria Saraiva Cardoso, D. Amalia Vaz da Mota Sobrinho, P.e José Gonçalves Leitão, Manuel Antunes Toja, Manuel Lourenço dos Santos, D. Mariana Pereira da Costa, Francisco Teles de Andrade Rato, D. Maria Clara Nunes de Vasconcelos Marques, Antonio Martins Barreto, Dr. Joaquim Rosado Fernandes, José Maria Sequeira, Eduardo da Silva Amado, D. Maria da Visitação de Santa Marta, D. Laurinda Marques, Silverio Simões de Almeida, Rosa Maria Dias, D. Emilia Vaz Vieira, D. Lucrecia Saraiva, José Lucas Saraiva, D. Luiza Marques da Cruz, D. Maria Marques da Cruz, D. Maria Marques da Cruz, D. Rita Marques da Cruz, D. Maria José Tamagnini de Carvalho, D. Maria dos Remedios, D. Virginia de Assumpção Machado, Antonio Carreira Bonifácio, José Julio Pinto Ribeiro, João Machado da Conceição, D. Maria Lucilia Soares Lopes, D. Maria da Piedade Paiva, D. Matilde Garcez Cabral, Manuel Pinhal, D. Maria Carlota Ferro Muriello, D. Maria da Piedade Ferreira da Fonseca, D. Purificação Liz, D. Izabel Martins, D. Maria da Assumpção Evaristo, P.e José Maria Mendes Cabral, D. Maria Diolinda Elvas Mascaranhas, P.e Luiz da Costa Carvalho, D. Maria Izabel Tavares Pimenta, D. Maria dos Anjos Pereira, P.e António dos Santos Alves, P.e Manuel Lopes Correira, Manuel da Silva Lopes, José Agostinho Fernandes, D. Virginia Ribeiro Martins Gomes, D. Adelaide Corte Real da Camara, D. Beatriz de Sousa Ferreira, Antonio da Costa Luiz, P.e Manuel Barata Duarte, Ani-

bal Mata, D. Candida Cortez, José Miranda Filipe, Domingos Antonio Martins, D. Adete Pinho de Oliveira, João das Neves, D. Maria Olinda Santana, D. Maria Augusta Prouença, D. Maria da Luz Vieira Antunes, Francisco da Costa Parente, Bernardino da Silva Gonçalo, D. Albertina Soares Ferreira, D. Ermelinda Soares de Jesus, D. Lucinda Maria das Neves, D. Celestina dos Santos Reinas, D. Ana Alves da Fonseca, D. Emilia de Jesus Oliveira, D. Maria Barbara de S. P. Vinagre Preto, D. Maria Luiza Anette Bacelar.

Uma casa a arder

I

Falando com a senhora

—Bons dias, minha senhora.
—Bons dias, senhor Prior.
—Como vai o doutor?
—A mesma coisa. Melhor não está.
—Que diz o seu medico?
—O medico encolhe os ombros e pensa que tem doença para muito tempo.
—Tambem assim o penso. Já ouvi dizer que será, ao contrário, bastante curta, a não ser por milagre, com o que não ha direito a contar.

No entanto para prevenir qualquer surpresa, é conveniente que se prepare. Dá licença que eu vá ver o seu querido doente?

—Muito gosto teria nisso, senhor Prior, mas V. Rev.ª bem compreende que neste estado, podê causar-lhe algum abalo.

—Com certeza lhe ha de causar menos do que o juizo de Deus se ele vem a morrer de repente.

—Mas com estas coisas pode morrer.
—Pode reviver, queria V. Ex.ª dizer. E, se morresse, eu lá estaria ao pé dele. A doença e a morte devem ter o sacerdote por companheiro.

—Mas isso vai causar-lhe muito medo!
—Mais medo lhe causará, digo-lho eu, apparecer deante de Deus sem primeiro ter tido ao pé de si o sacerdote do perdão.

A morte, que ha de chegar, e aí vem já, não é mais que uma comparencia.

—Então suba a escada, sr. Prior, mas desculpe não o acompanhar porque não tenho coragem para isso...

II

Falando com o doente

—Bons dias, doutor; como vai isso?
—Não vai lá muito bem, como V. Rev.ª vê.

—Ando a visitar os doentes e não queria deixar de vir aqui saber como vai. Consta por aí que a sua saude está bastante comprometida.

—Muito obrigado, sr. Prior, pela sua atenção, mas graças a Deus, o caso não está tão mal como dizem. Desde ontem sinto-me um pouco melhor.

—Sofre do peito, não é verdade?
—Parece que sim, com um pouco de arterio-sclorose e um acesso de diabetes.

—No entanto, meu caro doutor, creio que o medicamento mais urgente seria o meu. Já cá estive o medico do corpo tem agora aqui o da alma. A alma e o corpo formam um todo e por isso quem e precisam de ser tratados ambos.

—Não me fale agora disso. O caso não é ainda para sustos. Eu bem sei como estou e como me sinto e eu avisarei V. Rev.ª quando fôr preciso.

—Meu caro doutor: Olhe que os medicos tambem se enganam, quando estão de saude, a respeito dos outros. Não acha mais facil enganarem-se mesmo a seu respeito quando estão doentes? Não se tem visto alguns, devorados pela febre, a pedir á força agua fria que os mataria imediatamente?

—Eu não estou neste caso, sr. Prior, eu não estou nesse caso. Hoje, não.

—Bem, então amanhã... mas a que horas?

—Eu lh'o mandarei dizer.

No dia seguinte

III

—Bons dias, doutor. Estive á espera toda a manhã e ninguem me foi chamar. Pensei que se tivessem esquecido da combinação.

—Amanhã, amanhã. Hoje, não.
—Como o doutor tinha prometido...
—Não, hoje não, que estou muito fatigado.

—Nesse caso vou-me embora mas com muita pena de si, que, sendo medico do corpo, que farieis as vossas receitas e

daveis as vossas ordens, recusais aplicar as que vos dita o medico das almas.

Há tempo recorri eu a si numa gastroenterite, pedi a vossa opinião e curei-me

IV

Questão final

A proposito, doutor antes de me retirar, queria perguntar-lhe uma coisa.

—Diga lá!
—Queria saber se poz no seguro, contra fogo, a sua casa da quinta das Alamedas.

—Oh! Ha muito tempo. A's vezes um fósforo, uma imprevidencia, uma fagulha e... lá se vai tudo. São coisas que acontecem todos os dias.

—No entanto o fogo não costuma consumir nem um por cento das casas. Talvez não destrua num ano dez de mil casas. As outras nove centas e noventa são poupadas.

—E' verdade, mas uma desgraça (e nunca vem só) quando ás vezes menos se espera...

—A sua previdencia, meu caro doutor, é digna de todos os elogios. Felicito-o tanto mais sinceramente quanto muitos dos meus parouquianos estão longe de ser tão previdentes.

—Tambem me parece...

—Pois agora mesmo em plena praça, em frente da igreja, está uma casa a arder. O fogo começou pela chaminé. Da chaminé comunicou-se ao madeiramento e toda a gente diz que, apesar dos bombeiros que chegaram a toda a pressa, a casa está perdida.

—Mas ela está no seguro?

—Não, não está. Mas imagine que ha instantes—talvez agora mesmo—um agente de seguros propoz ao dono um contrato que o punha a salvo daquela perda que vai ser total.

—E o proprietario aceitou?

—Recusou!

—Pode ser que ele tivesse tão pouco juizo?

—E' o meu caro doutor que o diz.

—Quem é essa pessoa?

—E' uma pessoa que lhe é muito proxima em parentesco...

—O quê?

—O Dr. conhece bem o proprietario da casa em fogo. O fogo que a consome são os pulmões a desfazerem-se. A lenha que alimenta e propaga a chama é a diabetes e arterio-sclorose. O agente sou eu que venho pela segunda vez propôr-lhe o contrato de seguro contra a catastrophe eminente da casa nas chamas eternas.

Aqui, meu caro doutor (ouça bem), não é uma probabilidade nem o temor de uma desgraça que tenha cem razões contra dez de não acontecer, é uma realidade sempre latente até que appareça afinal, a descoberto. A sua chama consumiu já, desde o principio do mundo, milhões e biliões de edificios de carne, castelos, palacios, casas de todos os feitios, sem exceptuar nem um só... E não se trata de uma perda relativa, de coisa sem importancia para o proprietario encontrado desprevenido. E' uma perda total, eterna, completa, a perda irreparavel da sua fortuna numa catastrophe que não acaba nunca.

Quando um homem está atingido, como o meu caro doutor, de trez doenças, qualquer das quais dá a morte, não estará a sua casa a arder?

Doutor, doutor, vós que acautelastes uma simples quinta contra um risco muito problematico e passageiro, estais ainda a tempo.

Quer ou não quer o meu seguro de vida sabendo que ele vos pode garantir o palacio da vossa pessoa toda inteira, contra o risco de um incendio eterno?

O tempo passa... os minutos estão contados... O fogo lambe já o tecto!

O doutor começa: *Eu, peccador, me confesso...*

Voz da Fatima

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adiuntamente, o minimo de dez mil réis.